

Histórias de tradição oral: matéria-prima do jornalismo

Rosângela Marçolla*

A mídia legitima o que o ser humano já conhece, desvenda o que ele guarda ao longo de gerações e, por que não, retrata, por meio de suas imagens, as próprias imagens humanas. Pior ainda: o homem aprende com as histórias de tradição oral a sua própria história.

O que se poderia dizer, então, das histórias de tradição oral contadas por gerações, de pais para filhos, contendo vivências pertinentes às necessidades dos homens, como forma de doutrina ou qualquer tipo de ensinamento?

Essas narrativas foram preservadas oralmente pelo povo, dentro do processo de folkcomunicação. É melhor explicar: Luiz Beltrão definiu folkcomunicação como uma comunicação em sentido paralelo que se estabelece entre as pessoas dentro de determinado grupo social. Por sua vez, a folkmídia, no nosso entender, seria a comunicação em um sentido perpendicular, pois o líder de opinião se relaciona com a mídia como sua fonte de informação, que repassa aos membros de seu grupo. Sendo assim a perpendi-

cularidade se antepõe às linhas paralelas de comunicação.

No processo folkcomunicacional, o povo obtém da mídia o seu conhecimento para depois fazê-lo circular. Neste trabalho, apresenta-se a mídia, ou melhor, os agentes comunicacionais, os emissores, em busca das informações do povo, conhecidas e sedimentadas culturalmente, com o objetivo único de encurtar o caminho da comunicação. A publicidade comporta exemplos claros: jingles, ícones, enredos que remetem a lembranças de conteúdos já apreendidos ao longo da história, como Papai Noel na época do Natal, o coelho da Páscoa, romance com sapo, beijo, príncipe, etc.

O jornalismo, por se tratar de uma atividade intrinsecamente relacionada à vida humana, utiliza-se do recurso das narrativas tradicionais e por esse motivo fala de coisas que o homem precisa ouvir, precisa lembrar, precisa resgatar de seu interior, para garantir mais veracidade e intimidade com os fatos.

Diz Elen Cristina Gerales (2001, p. 147) que “o jornalismo é produto, quer público, quer ser consumido. E busca as narrativas. Mas ele não paga o preço exigido: render-se ao imaginário, soltar-se, dar um tempo à razão instrumental, que esvazia o conhecimento e o faz refém da técnica. O jornalismo

*Doutora e mestre em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, jornalista, licenciada em Letras, com pós-graduação em Educação Infantil. Professora do Programa de Mestrado em Comunicação da Universidade de Marília (Unimar). E-mail: rosangela_jor@yahoo.com.br

usa as narrativas, abusa delas e finalmente as transforma. No jornalismo, narrativas-vida são quase sempre narrativas-fórmula”.

O uso das histórias de tradição oral é velado, expresso discretamente em sua narrativa, que o jornalismo empresta para se renovar. Com o descrédito que a imprensa vive, por causa da fragilidade e da efemeridade de suas notícias, superficiais, descontinuadas, escritas sob a ditadura do *lead*, textos mais apurados, com detalhes de expressão, maior fluência narrativa, sem o peso da literatura, garantem o seu lugar no dia-a-dia do seu receptor. Para essa conjugação ser concreta, o jornalismo recorre às histórias que o povo já traz em seu imaginário, as narrativas-fórmula, sem se dar conta de que já as conhecia como narrativas-vida.

Com o fiel objetivo de transformar a sociedade, o jornalista, através de narrativas resgatadas em seu imaginário, pode desempenhar melhor o seu papel, desatrelando os fatos tidos como informação e levando-os à interpretação do mundo em que se vive, por meio de narrativas que falam da realidade.

Mas a narrativa não é privilégio da arte ficcional. Quando o jornal diário noticia um fato qualquer, como um atropelamento, já traz aí, em germe, uma narrativa. O desdobramento das clássicas perguntas a que a notícia pretende responder (quem, o quê, como, quando, onde, por quê) constituirá de pleno direito uma narrativa, não mais regida pelo imaginário, como na literatura de ficção, mas pela realidade factual do dia-a-dia, pelos pontos rítmicos do cotidiano que, discursivamente trabalhados, tornam-se reportagem. Esta é uma extensão da notícia e, por excelência, a forma-narrativa do veículo impresso (embora a entrevista, sobretudo o perfil, possa também, às vezes, assumir uma

forma-narrativa)... (Sodré e Ferrari, 1986, p. 11).

A reportagem, como um gênero jornalístico, é utilizada para contar as notícias. Pequenos relatos transformam-se em histórias completas, com riqueza de detalhes e impressões de quem acompanha o desenvolvimento dos fatos e lança mão da forma narrativa para levá-las ao público.

A história é o acontecimento ficcional na literatura e real no jornalismo. O ato de contar remete à narrativa, a forma de expressão do contador ou jornalista com o receptor, impulsionando o processo de comunicação. Pelos meios de comunicação de massa ou pela oralidade, a transmissão das mensagens se efetua e a notícia-história se transporta do imaginário para o cotidiano.

Ao estudar a notícia dentro de um contexto antropológico, Luiz Gonzaga Motta reconhece que há uma significação já conhecida nos textos jornalísticos, guardadas no imaginário e recebidas em forma de mensagens, nomeadas de mito, fábula ou conto, reafirmando esta idéia de similaridade de essência.

Não se pretende afirmar que as notícias sejam ficção, reinvenções do homem. Motta (2002, p. 14) explica que não são “pura ficção inventada pelos jornalistas; nem que elas se configurem como um sistema mitológico. As notícias são um sistema simbólico singular porque nelas se misturam realidades e fantasias, nelas se confundem o real e o imaginário”.

A aproximação do jornalismo com a literatura acabou por resultar em formas mais envolventes de seduzir o leitor, que busca histórias interessantes, quando lê um jornal ou assiste a um telejornal, agregando imagens às narrativas para alimentar o seu ima-

ginário. Eugênio Bucci lembra que “o noticiário da atualidade constrói pequenas novelas diárias ou semanais cujos protagonistas são tipos da vida real absorvidos por uma narrativa que funciona como se fosse ficção...” (2000, p.142). Isso torna atraente a informação para o receptor que recebe “santos e vilões no noticiário como ícones do bem e do mal que movimentam um formidável videogame” (2000, p. 143).

As cenas leves e alegres utilizadas para fechar um telejornal sugerem o final feliz, depois de violências e tragédias, que representam os desafios que os homens devem superar ao longo do dia. A estrutura de um noticiário remete à das histórias de tradição oral que emprestam os seus enredos já conhecidos em tempos de criança.

Este trabalho mostra o reflexo das histórias de tradição oral nas atividades jornalísticas, observando a semelhança da essência contida nas formas narrativas, a ficcional e a jornalística, incorporadas no repertório cultural do homem, com a qual ele convive desde épocas pré-literárias e pré-jornalísticas.

A busca pelo entendimento da comunicação humana levou à descoberta desses conteúdos, presentes, apesar de abstratos, nas histórias escritas como resgate oral dos povos de outros tempos.

A mídia traz as histórias de tradição oral e seus conteúdos que contribuem para a individualização, interferindo, inclusive na determinação do comportamento humano. As narrativas beneficiam as pessoas ao oferecer exemplos de vidas com trajetórias vitoriosas, os heróis das sagas, dos contos de encantamentos. É o caso do jornalismo literário que oferece subsídios para a produção de perfis ou biografias.

Se existe o lado do bem, também existe o lado do mal. Histórias que crescem e histórias que assustam seus receptores quando são identificados nos produtos midiáticos. Notícias que trazem a essência das narrativas mais uma vez à tona como se nunca tivessem sido esquecidas. Os inocentes contos infantis serem comparados aos crimes mais terríveis que os meios podem comunicar? Nossa! É o fim dos tempos!

1 Histórias de tradição oral retratadas nas notícias policiais!

Vamos ver se a mídia criou essas histórias ou se ela apenas retratou fatos que se ligam a vivências já conhecidas há muitos anos. Você conhece essas histórias?

Maníaco do Parque e Chapeuzinho Vermelho: sedução e morte no bosque

Matéria: Os mais terríveis serial killers de todos os tempos¹

Desde Jack, o Estripador, que aterrorizou Londres no século 19 ao matar sete prostitutas, os serial killers vêm ganhando os noticiários. Perversos, inteligentes e difíceis de serem identificados, eles matam por prazer.

*Em geral, são pessoas acima de qualquer suspeita, que sabem como é o comportamento de alguém normal e constroem uma personalidade para fins sociais, diz a pesquisadora Ilana Casoy, autora do livro *Serial Killer: Louco ou Cruel?*. Assassinos assim já foram retratados de forma terrivelmente brilhante pelo cinema. Porém, nem mesmo*

¹ (www.super.abril.com.br/mundoestranho/edicoes/20/almanacao). Publicado na Ed. 20 - 10/2003).

esses personagens foram capazes de igualar na ficção as crueldades feitas por alguns serial killers de verdade.

O motoboy Francisco de Assis Pereira agiu em São Paulo entre 1997 e 1998. Ele atraía jovens morenas, com a promessa de torná-las modelos, e as levava para o Parque do Estado - por isso passou a ser chamado de Maníaco do Parque. No meio do mato, estuprava e torturava sua vítima antes de estrangulá-la.

Rapaz comum, nada em sua aparência indicava as atrocidades que cometeu. Apenas seu passado: ele sofreu maus-tratos na infância. Pereira confessou ter matado 11 mulheres e foi condenado a 271 anos de prisão. Hoje, está na penitenciária de Itaipava (SP), virou evangélico e planeja se casar com uma mulher que conheceu por carta.

Chapeuzinho Vermelho (ou Capinha Vermelha)²

Este conto, classificado como maravilhoso ou de encantamento pela literatura infantil, traz a história de uma menina que vai até a casa de sua avó levar algumas alimentos, pois está doente. Vestida de roupa vermelha, a menina desobedece o aviso de sua mãe que pede que ela não vá pelo caminho da floresta, e encontra o Lobo Mau, sedutor e esperto. Ele consegue enganar Chapeuzinho Vermelho ao chegar primeiro na casa de sua avó, passando-se por ela. Há finais diferentes para esta narrativa: em uma versão o Lobo Mau devora Chapeuzinho Vermelho e sua avó e em outra elas se salvam com a ajuda de um caçador.

Atraídas por uma ilusão, as vítimas de

² Conto escrito por Charles Perrault e pelos Irmãos Grimm.

Francisco de Assis Pereira, o Maníaco do Parque, cederam às suas conquistas e acabaram mortas, após violência sexual. As moças, ou melhor, os Chapeuzinhos Vermelhos, entraram no bosque, a convite do Lobo Mau, que ofereceu-lhes vantagens. No caso da história infantil, chegar rápido na casa da avó, por trilhas escondidas e, no caso das vítimas reais, realizar o sonho de ser capa de revista ou desfilarem nas passarelas.

Ambas queriam encurtar o seu caminho, sem considerar as conseqüências. Acabaram mal, pois na versão popular, oral, resgatada por Perrault, sua Capinha Vermelha morre nas garras do lobo. Nas compilações modernas, escritas mais tarde, o final romântico prevalece, mostrando-o feliz, sem morte dos personagens, porque interessava agradar as crianças. Os Irmãos Grimm salvam a avó e a garota, devolvendo-lhes a vida, e o lobo recebe o castigo.

(...) o relato original de Perrault continua com um pequeno poema no qual propõe uma moral a ser deduzida: que meninas bonitinhas não deviam dar ouvidos a todo tipo de gente. Se o fazem, não é de surpreender que o lobo as pegue e devore. Quanto aos lobos, eles aparecem com todos os tipos, e entre eles os lobos gentis são os mais perigosos, especialmente os que seguem as mocinhas nas ruas, até mesmo à casa delas. Perrault não desejava apenas entreter o público, mas dar uma lição de moral específica com cada um de seus contos... (Bettelheim, 1980, p. 204).

A sedução, a vaidade, a esperteza, o sexo. Tudo isso ocorre nas duas histórias, tanto na de tradição oral, como na real, vitimando

uma dezena de mulheres. A menina é atraída pelo lobo mau, de forma inocente, mas que intencionalmente busca essa situação, porque vive à procura da conquista, motivada pela valorização de sua beleza.

Conta Bettelheim (1980, p. 209) o que ele pode constatar, pela psicanálise, em seus estudos sobre esse conto, classificado como maravilhoso, onde fatos impossíveis acontecem, sem a ajuda de fadas e outros seres especiais.

Em “Chapeuzinho Vermelho”, tanto no título como no nome da menina, enfatiza-se a cor vermelha, que ela usa declaradamente. O vermelho é a cor que significa as emoções violentas, incluindo as sexuais. O capuz de veludo vermelho que a avó dá para Chapeuzinho pode então ser encarado como o símbolo de uma transferência prematura da atração sexual, que, além disso, é acentuada pelo fato de a avó estar velha e doente, demais até para abrir a porta. O nome “Chapeuzinho Vermelho” indica a importância capital desta característica da heroína na história.

A comparação do Maníaco do Parque com Chapeuzinho Vermelho foi imediata. De pronto se constatou a semelhança de essência, aquela que André Jolles fala em seu livro. A essência humana que existe em todos os tempos e lugares, apenas envolta por circunstâncias diferentes.

A curiosidade de uma jovem que se defronta com a astúcia de um sedento assassino, devorador de mulheres, que literalmente as come, arrancando a dentadas pedaços de carne, após matá-las e estuprá-las. O símbolo da volúpia, vivido pelo lobo mau,

assemelha-se à figura do Maníaco do Parque, à procura de suas vítimas, que satisfaça seus desejos insanos e muitas vezes imaginados também pelo lado oposto. “Mas o lobo não é apenas o sedutor masculino. Também representa todas as tendências associadas e animais dentro de nós...” (Bettelheim, 1980, p. 209).

As interpretações psicanalíticas vão muito mais longe, inclusive ao analisar a atuação da avó, como repressora, por isso deve ser retirada do cenário e a figura do caçador, que seria o pai, vingando a honra de sua filha. Tudo em favor da realização dos desejos de Chapeuzinho Vermelho, relacionados com a descoberta da sexualidade.

A essência, tanto da história popular como da real, remete a um conteúdo semelhante: a facilidade com que o lobo seduz a garota a entrar no bosque, a conquista velada da fera e o trágico final da menina, principalmente, na versão popular, escrita por Charles Perrault. Mesmo na versão dos Irmãos Grimm, ela é punida pelo susto, pela ameaça de morte e pelo sofrimento de sua avó na barriga do lobo.

Nas palavras de Bettelheim (1980, p.218), “‘Chapeuzinho Vermelho’ fala de paixões humanas, voracidade oral, agressão e desejos sexuais pubertais. Opõe a oralidade educada da criança em maturação (levar os doces para a Vovó) à sua forma canibalista primária (o lobo que engole a menina e a Avó)”.

Robert Darnton defende os estudos antropológicos e a cultura do povo. Fala que as histórias de tradição oral são documentos históricos e que não devem ser analisados em suas entrelinhas, de forma que o homem evoluiu seus pensamentos, não mantendo intactas as narrativas ao amenizar o seu conteúdo e adaptá-las às regiões e épocas dis-

tintas, pois não poderia continuar como no século XVIII, tempo em que os contadores de histórias narravam casos de estupro, sodomia, incesto e canibalismo e não escondiam o retrato de um mundo de brutalidade.

Diz o autor que os contos populares “suríram ao longo de muitos séculos e sofreram diferentes transformações, em diferentes tradições culturais. Longe de expressarem as imutáveis operações do ser interno do homem, sugerem que as próprias mentalidades mudaram” (Darnton, 1986, p. 26). Ele não acredita na unanimidade das histórias, pois afirma que as mudanças ocorreram justamente na passagem da oralidade para a escrita, pelas mãos dos historiadores, que não conseguiriam nunca retratar a sensação provocada pelos contadores de histórias do século XVIII francês.

Diante dessas incertezas, parece desaconselhável elaborar uma interpretação com base numa única versão de um único conto, e mais arriscado ainda basear análises simbólicas em detalhes – capuzes vermelhos e caçadores – que podem não ter aparecido nas versões dos camponeses. Mas há registro dessas versões em número suficiente – 35 “Chapeuzinhos Vermelhos”, 90 “Pequenos Polegares”, 105 “Cinderelas” – para se poder perceber as linhas gerais de um conto, como ele existiu na tradição oral. É possível estudá-lo ao nível da estrutura, observando a maneira como a narrativa é organizada e como os temas se combinam, em vez de nos concentrarmos nos pequenos detalhes. Assim é possível comparar o conto com outras histórias... (Darnton, 1986, p. 33).

Até com crimes violentos, Darnton! Aí

está o ponto central da questão. Sem dúvida, o pensamento se alterou com a evolução do mundo. Mas a essência ainda permanece no ser humano.

Pergunta-se: por que, no século XXI, carregando tantas conquistas tecnológicas nas costas, aliadas a muitas informações sobre as descobertas científicas, DNA, entre outras, ainda se come churrasco nos fins de semana? Ou por que em toda reunião de pessoas comida e bebida estão sempre presentes? Seria então a tal essência que mantém o homem como ele é até os dias de hoje?

Na concepção de Jolles, as formas simples, que estão presentes nas narrativas literárias, sobrevivem em novos enredos, revivendo-os. Por isso a mensagem que Chapeuzinho Vermelho deixa aos seus receptores (“enquanto viver, não saia do caminho para entrar na floresta...”) aparece de forma implícita na narrativa, mas invade a mente das crianças, quando a ouvem ou a lêem.

Mesmo presente no inconsciente de muitas pessoas, as jovens vítimas do Maníaco do Parque não devem ter se lembrado da história do Chapeuzinho Vermelho, pois não teriam caído na mesma argumentação do lobo, ao sugerir que entrassem no bosque para tirar fotos e levá-las para uma rentável e bem sucedida carreira de modelo.

A inocência de garota aliada à curiosidade, proporcionada pela sexualidade, vaidade, sucesso, conquista, vão de encontro do plano astucioso e hediondo de violência sexual, assassinato e canibalismo. Duas histórias muito parecidas, ocorridas em tempos e locais distantes, com o mesmo enredo. Seria só uma mera coincidência?

Ao analisar o discurso da mídia impressa sobre a violência sexual nas matérias jornalísticas publicadas na Folha de S. Paulo

e Notícias Populares, em 1998, Andréa de Souza Túbero Silva, em sua tese de doutoramento, utiliza como exemplo o caso do Maníaco do Parque, Francisco de Assis Pereira, e compara com a história infantil “Chapeuzinho Vermelho”.

Estamos no caminho certo. A semelhança de conteúdos já foi pensada por outros pesquisadores. Isso porque realmente as histórias de tradição oral estão presentes no inconsciente humano, em qualquer nível de desenvolvimento intelectual em que ele se encontre. Ratifica nossa idéia, quando Andréa Silva, em apresentação do seu trabalho na Intercom/ 2003, afirma:

Os crimes do parque do Estado, cometidos por Francisco de Assis Pereira, configuram-se como um parâmetro da violência, por se tratarem de “crimes cruentíssimos” facilmente reconhecidos pelos cidadãos e cidadãs comuns, exatamente por ser excessivo. Esse é um dos motivos pelo qual é veiculado. Assim como a história do Chapeuzinho Vermelho, eles são familiares tanto para o produtor da notícia quanto para aos leitores. Nesse sentido, foi possível verificar a dificuldade de reconhecimento da violência sexual como crime contra a pessoa, - no caso, a mulher – especialmente quando ele não vem acompanhado de outras formas de violência conjugada (espancamentos, sevícias, homicídios).

Não se pode pensar em simples coincidência. Há indícios da repetição de enredos de histórias de tradição oral com certos crimes. É interessante refletir que as narrativas contadas às crianças estejam relacionadas com os mais cruéis assassinatos de que se têm notícia e que revoltam todas as pessoas.

Suzane Richtöfen e O Pescador e o Gênio: sentimentos engarrafados

*Matéria: Monstro em casa*³

Suzane tramou a morte dos pais, foi para o motel, deu festa de aniversário, ia gastar a herança...

Passava da meia-noite quando a estudante Suzane Louise Richthöfen, de 19 anos, entrou em casa e encontrou os pais dormindo. Acendeu a luz do corredor e deu sinal verde para o namorado, Daniel Cravinhos de Paula e Silva, de 21 anos, e o irmão dele, Cristian, de 26. Armados com barras de ferro, os irmãos entraram no quarto e mataram o casal Marisia e Manfred Albert von Richthöfen com golpes na cabeça. Estava combinado que Daniel atacaria Manfred e Cristian ficaria com a mãe de Suzane. Mas, antes da primeira pancada, o casal acordou e tentou se defender. Cada um levou cerca de cinco golpes. Marisia ainda foi enforcada. Depois do assassinato, Suzane e Daniel foram para a suíte presidencial de um motel de luxo em São Paulo. Cristian foi comer um lanche no McDonald's. Na madrugada da sexta-feira, oito dias depois do crime, Suzane confessou tudo à polícia. Não derramou uma lágrima. 'Ela é fria, calculista e impetuosa', diz o delegado Domingos de Paulo Neto, diretor do Departamento de Homicídios e Proteção à Pessoa (DHPP), de São Paulo.

Bonita, alegre e rica, Suzane não trabalhava, tinha automóvel e tudo o que queria, além de um futuro promissor, mas desde a semana passada se encontra no centro de um crime que choca e intriga o país. Estudante

³ Matéria de capa publicada pela Revista Época, em 11 de novembro de 2002 escrita pelos jornalistas Solange Azevedo e Tito Montenegro.

do 1º ano de Direito da Pontifícia Universidade Católica, uma das melhores faculdades de São Paulo, faixa preta de caratê, é fluente em inglês, alemão e espanhol. Seu único problema doméstico conhecido era a implicância dos pais com o namorado. Os dois namoravam havia três anos, mas de oito meses para cá Manfred e Marisia tentaram forçar a filha a romper o relacionamento.

Achavam que o namoro estava sério demais e queriam ver Suzane longe daquele rapaz que não estudava, não tinha emprego fixo e levava um padrão de vida inferior. 'Manfred já tinha sugerido a Daniel que voltasse a estudar, aprendesse inglês, fizesse alguma coisa para ficar no nível da filha', conta Walter Abrahão Nimir, amigo e ex-chefe do engenheiro Manfred na Dersa, a estatal de estradas de São Paulo. A aversão ao rapaz aumentou quando descobriram que ele era usuário de maconha.

Os policiais que investigaram o caso ouviram de amigos do casal que o pai de Suzane, um alemão naturalizado de 49 anos, vinha cogitando até mandar a filha estudar na Europa. Para aliviar a pressão em casa, Suzane inventou que tinha terminado o namoro.

A mãe, uma psiquiatra de 50 anos, contava aos amigos com alegria que Suzane havia 'se livrado de Daniel'. A garota, no entanto, continuava a ver Daniel às escondidas na casa dele e num cibercafé da vizinhança. Desconfiado de que a filha estivesse mentindo, no último dia 26, um sábado antes do assassinato, Manfred esteve na casa de Daniel procurando Suzane, mas não a encontrou.

O pai tinha razão. Só não podia imaginar que, além de enganá-lo, a filha fosse capaz de planejar o assassinato dele e da mulher.

A polícia está convencida de que o crime foi planejado há dois meses.

Livres dos pais, ficariam com a herança - enquanto Cristian seria recompensado com todo o dinheiro que encontrassem na casa. Antes de ser presa, Suzane chegou a mostrar-se interessada em vender a casa da família para tomar posse do dinheiro. Por alto, o imóvel é avaliado em R\$ 1 milhão.

Na noite do crime, Suzane saiu de sua casa por volta das 21h30 e foi para a de Daniel. Uma hora depois, o rapaz saiu sozinho e foi até a residência dos Richthöfen buscar o irmão da namorada, Andreas, de 15 anos, que saiu escondido dos pais. O garoto era muito ligado à irmã e ao cunhado. Tinha uma motonete montada por Daniel, que fazia bico como mecânico de motos. Andreas foi deixado no cibercafé que a turma frequentava e o casal foi buscar Cristian, que esperava algumas quadras adiante. A bordo do Gol de Suzane o trio partiu para a execução do plano.

A polícia ficou impressionada com o sangue-frio dos três - principalmente de Suzane. Depois do assassinato, o grupo montou uma cena para simular um latrocínio - roubo seguido de morte. Na biblioteca, Suzane espalhou papéis e contas a pagar. Em seguida, foi até o local onde a família guardava US\$ 5 mil, R\$ 8 mil e jóias. (O dinheiro foi embolsado, mas no início eles fingiram que havia sido roubado.) No quarto do casal, o trio tomou o cuidado de pegar o revólver calibre 38 que Manfred escondia no fundo falso da gaveta do lavabo e o colocou no chão, próximo ao braço do pai. Demonstrando que tiveram tempo e estômago para pensar em detalhes, para não deixar impressões digitais usaram luvas cirúrgicas roubadas da mãe, que é médica. Para que não

fosse encontrado nem um pelinho do corpo no local do crime, Daniel e Cristian usaram meias-calças.

Depois do assassinato, Cristian foi deixado perto do apartamento onde mora com a avó e o casal de namorados foi preparar seu álibi. Entraram no Motel Colonial, na Zona Sul da capital, e escolheram a melhor suíte. Pagaram R\$ 380 pelo conforto do quarto e por um lanche. Deu tempo de fumar um cigarro de maconha e usar a piscina. Saíram do motel às 2h56 da madrugada e foram ao encontro de Andreas. Após algumas voltas pela cidade, Suzane deixou o namorado em casa e foi com o irmão para a sua.

Pouco depois, conforme o combinado, começou a segunda etapa da simulação. Às 4h09, Daniel ligou para a polícia. Disse que estava em frente à casa da namorada, que suspeitava de um assalto no lugar e pediu a presença de uma viatura. Quando a polícia chegou entraram todos na casa e encontraram o casal Richthöfen morto na cama. A cena do crime já apresentava elementos que levaram a polícia a suspeitar de pessoas próximas ao casal. Os rostos cobertos costumam ser um sinal de que os agressores são conhecidos das vítimas. Também causou estranheza o fato de o alarme da casa não ter funcionado. Se tivesse sido um latrocínio, acreditavam os policiais, deveria haver sinais de arrombamento. 'Percebemos várias coisas estranhas no local do crime. Isso fez com que desde o início suspeitássemos de que não se tratava de latrocínio', diz o delegado Daniel Cohen, um dos primeiros policiais a entrar na residência. Entre outras coisas, a disposição dos papéis no chão da biblioteca sugeria que a papelada tinha sido colocada propositadamente ali.

GANÂNCIA: Três dias após o crime, Da-

niel e Suzane foram vistos na piscina. A polícia chegou a eles depois de achar a moto comprada por Cristian com os dólares roubados.

A suspeita em relação à filha de Richthöfen acentuou-se dois dias depois do crime. Investigadores do DHPP apareceram para uma vistoria e surpreenderam Suzane, Daniel, Andreas e um casal de amigos alegremente em casa. Pouco depois de exibir lágrimas oceânicas no enterro dos Richthöfen, todos cantarolavam e ouviam música na beira da piscina. No dia seguinte, um domingo, o casal de namorados foi até o sítio da família no interior de São Paulo, onde comemoraram o aniversário de 19 anos de Suzane.

Os colegas de faculdade da garota contam que também ficaram intrigados com o comportamento dela. Mesmo dispensada de assistir às aulas, fez questão de não faltar. Chegou a apresentar um seminário na quinta-feira - horas antes de confessar o crime. 'Ela se mostrava tranqüila demais. Nos preocupamos tanto com o assaltante da esquina que nem imaginamos que havia uma criminosa na cadeira ao lado', diz Ana Carolina Caires, estudante da mesma faculdade. Suzane era abordada por colegas querendo confortá-la, mas sempre respondia de forma lacônica. Apenas no enterro, acompanhado pela imprensa, ela demonstrou emoção. 'Só nesse momento ela fez o papel de órfã', diz o delegado Armando Oliveira, do DHPP.

A polícia grampeou telefones, montou campanas para vigiar os suspeitos, mas teve o trabalho abreviado por um ato de Cristian. Apenas dez horas após o crime ele comprou uma moto Suzuki 1.100 cilindradas por US\$ 3,6 mil, com 36 notas de US\$ 100. Estava tão certo de que jamais seria apanhado que

nem se preocupou em escondê-la. Dias depois do crime uma equipe de investigadores do 27º Distrito Policial passava em frente à casa de Daniel e viu a motocicleta. Desconfiados, descobriram que acabara de ser comprada por Cristian - um desses jovens tão incertos que, entre outras coisas, chegou a ser informante da própria polícia. Segundo o vendedor, Cristian ainda pediu que a moto não fosse registrada em seu nome, pois estaria com o 'nome sujo'.

Na quinta-feira, a polícia foi buscar Cristian em casa, dizendo que precisavam de sua ajuda para o reconhecimento de um suspeito. O rapaz foi até a delegacia e não saiu mais. Passou cerca de seis horas dando respostas contraditórias e confusas às perguntas dos delegados. Chegou a dar três versões sobre a compra da moto até admitir que era dele o dinheiro. Nessa hora, seu pai, Astrogildo Cravinhos de Paula e Silva, saiu da sala, acabrunhado, sentindo que o filho havia sido apanhado. Em outra sala, já se encontravam Daniel e Suzane, que, segundo a polícia, confessaram depois de Cristian. Foi das mãos de Daniel que saíram as armas usadas no assassinato. O rapaz pegou uma barra de ferro oca e preencheu-a com madeira. Assim, as pauladas com o objeto seriam fulminantes.

Os irmãos Cravinhos eram considerados delinqüentes na vila em que moravam com os pais desde a infância. São dez casas iguais numa travessa estreita e sem saída, onde todos se conhecem há muito tempo. Há alguns anos Daniel e Cristian tocavam bateria, cantavam alto, gritavam palavrões e fumavam maconha com frequência, segundo os vizinhos. A casa ao lado, separada nos fundos por um muro baixo, está para ser alugada. A dona do sobrado, de 86 anos, tem

problemas cardíacos e acabou convencendo o marido a mudar-se, por não agüentar mais o estilo de vida de Daniel e Cristian, que, de acordo com os vizinhos, jamais contidos pelos pais. Os moradores da vila também se dizem incomodados com o assédio de traficantes de uma favela das redondezas à casa 39, mas se confessam ameaçados para reclamar. Um deles conta um episódio exemplar. Cristian levava sempre seu cachorro para fazer cocô em frente à porta de uma das casas da vila. Em determinado dia, o morador resolveu reagir. Com uma pá, transportou a sujeira para a porta da casa 39. Replicou com um desaforo maior ainda: espalhou o cocô do cachorro sobre o carro do vizinho ofendido.

Suzane, Daniel e Cristian tiveram a prisão temporária decretada e serão indiciados por homicídio qualificado e roubo. Podem pegar até 60 anos de cadeia. Por ter menos de 21 anos, Suzane pode ter a pena reduzida em até 10 anos. A polícia concluiu que o irmão de Suzane, Andreas, não teve nada a ver com o crime. Apesar da crueldade dos irmãos Cravinhos, o que mais choca no assassinato dos Richthöfen é a participação da filha. Para a promotora Eliana Passareli, que é professora de Direito na faculdade de Suzane, o comportamento da moça é característico de assassinos perversos. 'No meio penal, são conhecidos pelo prazer na execução do crime e porque nunca se arrependem.'

Suzane levou para dentro da prisão os mistérios de seu horror, que se reconhece, mas não se explica.

*História: O Pescador e o Gênio*⁴

O mote desta história é a luta do Gênio em tentar sair do vaso de cobre. Pede para todos que a encontram, mas não é atendido. Implora e faz promessas para agradecer quem o salvar, mas também não é atendido. Com ódio, jura vingar-se assim que conseguir libertar-se. Um pescador encontra o vaso de cobre e consegue abri-lo e seu interior sai uma fumaça, formando a figura do Gênio, que raivoso tenta matá-lo. O pescador consegue enganar o Gênio, que volta para o vaso de cobre.

Contrariando o pensamento dos leitores, quando receberam a notícia do crime cometido por Suzane Richtöfen, envolvendo seus pais, que imediatamente remeteram-se à história de Édipo Rei. No que se refere ao personagem histórico, lendário, retirado do universo mítico, sem dúvida, Édipo é o filho que mata o pai, Laio, em um encontro do acaso, cumprindo uma profecia lançada pelos deuses e, ainda, casa-se com a sua mãe. Assim que descobrem a fatalidade, a mãe, Jocasta, suicida-se e Édipo, seu filho, fura os próprios olhos e sai pelo mundo, vagando sem destino.

Esta história não traduz este crime, pois Suzane não matou seus pais por ciúmes ou por amor, aquele que a psicanálise chama de edipiano. Teve outro motivo, a traição. No caso de O Pescador e o Gênio, o mote da narrativa é a traição do gênio, enclausurado há anos, que quando é libertado, pensa apenas em matar o pescador, que teve mais sorte na história de ficção do que os pais de Suzane na vida real.

⁴ Do livro *As mil e uma noites*. Também conhecida como *O Pescador e o Vaso* ou *O Gênio da Garrafa*.

De acordo com a moralidade adulta, quanto mais dura um aprisionamento, tanto mais grato o prisioneiro ficaria para com a pessoa que o libertasse. Mas não é assim que o gênio descreve o processo: enquanto ficou confinado na garrafa durante os primeiros anos ele disse de coração: Aquele que me libertar, eu o enriquecerei para sempre. Mas passou-se o século inteiro, e quando ninguém me libertou, eu entrei pelos segundos cem anos dizendo: Aquele que me soltar, eu abrirei os tesouros ocultos da terra. Ainda assim ninguém me libertou, e passaram-se quatrocentos anos. Então, disse eu: Àquele que me soltar, eu satisfarei três desejos. Mesmo assim ninguém me libertou. Em conseqüência encerrei-me em cólera e, com excessiva ira disse para mim mesmo: Aquele que me soltar, daqui para diante, eu o matarei'... (Bettelheim, 1980, p. 38).

Na interpretação psicanalítica de Bruno Bettelheim, a negativa dos desejos conduz a pessoa ao ódio. No caso de Suzane, as tentativas de proibição de seu namoro com Daniel, por parte de seus pais, levou a protagonista do assassinato a levar a sua ira ao extremo.

Acontece, atualmente, uma valorização de bens materiais, representados pelo trinômio pais-presentes-filhos. Tudo é motivo para agradar. Os pais estão fora de casa, trabalhando, estudando, entre outras atividades e por isso, precisam compensar com objetos os seus filhos que ficam à espera de seus regressos ao lar.

Acostumados aos presentes, às respostas afirmativas, que os pais insistem em dar, para serem considerados heróis, mas que em nada

contribuem para a educação, os filhos sempre querem mais. A um simples não, silêncio, choro, sentimento de incompreensão e, no caso de Suzane, o máximo da violência.

Bettelheim lembra, também, da sensação de abandono que a criança experimenta a cada saída dos pais e a expectativa que cresce em relação ao regresso deles. Quanto mais o tempo passa e os pais não chegam, a angústia aumenta a ponto de no início ser um pedido e depois de tentativas frustradas não querer mais que eles voltem para casa.

A angústia da espera e a negativa de pedidos geram sentimentos negativos. O primeiro *não* faz mal e incita ao desafio. O ideal de vingança de ter “engarrafado” seus sentimentos resulta, inclusive, em crime violento.

Para Bettelheim (1980, p. 39) “não há maneira de se saber se na linguagem original de ‘O pescador e o gênio’ existe alguma expressão similar à nossa sobre sentimentos ‘engarrafados’. Mas a imagem do confinamento numa garrafa era tão pertinente então, como o é agora para nós”. Portanto, não foi motivada pelo ciúmes edipianos que Suzane Richtöfen praticou tal crime, mas pelo fato de ver negado seu pedido de viver o relacionamento amoroso com Daniel e, ainda, por interesses financeiros que só a herança lhe poderia proporcionar.

Os exageros fantásticos da estória, tal como ser ‘engarrafado’ por séculos, tornam as reações plausíveis e aceitáveis, o que não sucederia com situações apresentadas de modo mais real como a ausência de um dos pais um sentimento que permanece inafetado pela explicação verdadeira de Mamãe de que ela só saiu por meia-hora. Por conseguinte, os exageros fantásticos do conto de fa-

das dão-lhes o toque de veracidade psicológica – enquanto explicações realistas parecem psicologicamente mentirosas, embora verdadeiras de fato (Bettelheim, 1980, p. 41).

Esse sentimento engarrafado explica, muitas vezes, certas atitudes, inclusive crimes, mas não anula a crueldade, nem exime os culpados do ato violento. Enquanto notícia, releva seu lado elíptico mostrado através do *fait-divers*, que retrata, também, histórias sangrentas.

Caso Pedrinho e Rapunzel: seqüestro de crianças

Matéria: Vilma Martins, mãe de criação de Pedrinho, é presa⁵

Vilma Martins, 47, acusada de seqüestrar os filhos de criação Osvaldo Borges Martins Jr. (chamado de Pedrinho pelos pais biológicos) e Roberta Jamilly Martins Borges (a Aparecida Fernanda Ribeiro da Silva), foi presa pela polícia de Goiás. Vilma era considerada foragida.

A Justiça havia decretado prisão preventiva de Vilma no dia 28 de abril pela acusação de ter seqüestrado Pedrinho de uma maternidade de Brasília há 17 anos. No último dia 9, novo pedido de prisão foi expedido, desta vez pelo caso Roberta, levada de uma maternidade em 1979. Vilma foi encontrada em Aparecida de Goiânia, por volta das 9h, na casa de uma amiga. Segundo o delegado Antonio Gonçalves, ela estava deixada debaixo de um sofá. As duas foram levadas para a Deic (Delegacia de Investigações Criminais). Vilma entrou na delegacia

⁵ Matéria publicada pela Folha *on line*, no dia 12 de maio de 2003.

carregada por policiais. A reportagem não conseguiu localizar, por telefone, os advogados da acusada.

ACUSAÇÕES: O pedido de prisão em relação ao seqüestro de Pedrinho foi expedido pelo juiz Adegmar José Ferreira, da 10ª Vara Criminal de Goiânia, acatando denúncia do Ministério Público do Distrito Federal, que concluiu que Vilma foi responsável por levar da maternidade, em janeiro de 1986, o menino Pedro Rosalino Braule Pinto.

Registrado em Goiânia como Osvaldo Borges Martins Jr., o garoto foi criado como filho natural de Vilma e seu marido, Osvaldo Martins Borges, que morreu no final do ano passado. A empresária afirmou que o casal conseguiu a criança com uma gari brasileira, mas escondeu o fato para evitar a burocracia de uma adoção.

O pedido de prisão preventiva se baseou nos artigos 148 e 242 do Código Penal, que tratam, respectivamente, dos crimes de seqüestro e registro de filho alheio como próprio.

No caso de Roberta, um exame de DNA feito pela polícia em fevereiro, sem o consentimento da jovem, comprovou que ela era Aparecida Fernanda Ribeiro da Silva, filha de Francisca Ribeiro da Silva.

História: Rapunzel⁶

A história começa quando uma mulher grávida adoece com vontade de comer raponços. O marido entra em um quintal vizinho para roubar os legumes quando é surpreendido pela dona da casa, uma bruxa, que os oferece em troca da criança.

Quando a menina nasce, a bruxa a seqües-

tra e a leva para o alto de uma torre, criando como sendo sua filha. Ela cresce e quando moça conhece um príncipe que a salva. Todos se lembram de Rapunzel por causa de suas longas tranças de cabelo que joga do alto da torre como se fosse uma escada.

O desejo de ser mãe e constituir uma família são objetivos constantes na vida de algumas mulheres, que apesar de conquistar novos espaços na sociedade, no mercado de trabalho, não abrem mão do seu instinto maternal.

Muitas mulheres não atingem esse objetivo, por questões biológicas, psicológicas, entre outras. Seu lado maternal fica fragilizado e a vontade de exercer o papel de mãe torna-se concreta com inseminação artificial, adoção, entre outras alternativas. Wilma Martins, assim como a Bruxa de Rapunzel, foi mais prática. Se não tem, rouba ou negocia uma criança.

A semelhança das duas histórias, a factual e a ficcional, está nesse ponto: a subtração de uma criança das mãos de sua mãe, antes mesmo que ela a conheça.

Wilma Martins levou o garoto Osvaldo, batizando-o de Pedro, para um lugar distante, para não ser descoberto, e o criou como seu filho, dando-lhe uma identidade falsa. A Bruxa usou do mesmo artifício, levando a menina para um castelo onde, isolada e sem identidade, viu o tempo passar do alto de uma torre.

Não bastasse uma criança, Wilma seqüestrou duas e levou-as para outra cidade. Duas crianças para satisfazer o tal instinto que a Bruxa também, por ser mulher, deveria ter, senão por que alimentar o seu sentimento de maternidade?

O final de ambas as histórias também se repete: as crianças são libertadas, ou pelo

⁶ História escrita pelos Irmãos Grimm, com tradução de Tatiana Belinky.

príncipe ou pela justiça. Mas ficam marcadas pela falsa identidade com a qual conviveram desde a infância.

Dr. Farah Jorge Farah e O Barba Azul: morte das amantes

Matéria: Cirurgião confessa ter esquarterado ex-amante⁷

O cirurgião plástico Farah Jorge Farah, 53, confessou, em depoimento à Polícia Civil, ter esquarterado a dona-de-casa Maria do Carmo Alves, na sexta-feira, em São Paulo, mas disse não se lembrar das circunstâncias do crime. A pedido do delegado do 13º Distrito Policial (Casa Verde) Ítalo Miranda Júnior o juiz da 2ª Vara do Júri, Marco Antonio Martin Vargas, decretou a prisão preventiva do médico que ficará no distrito policial até o julgamento. O delegado tem 10 dias para preparar o inquérito. O depoimento de hoje foi acompanhado por um promotor e três advogados de defesa.

Miranda Júnior afirmou, após o depoimento, que o cirurgião plástico disse conhecer a vítima há cerca de quatro anos, e não 20 anos, como havia sido divulgado anteriormente. Farah e a vítima teriam tido uma relação amorosa, mas eram amigos e freqüentavam a mesma igreja.

Em seu depoimento, ele disse que Maria do Carmo teria tentado agredi-lo com uma faca e ele, por sua vez, reagiu. A suposta arma do crime não foi localizada. Leila Marlene, amiga e paciente do médico Farah Jorge Farah, chegou, no final da tarde, na DP. Ela disse que foi prestar solidariedade ao cirurgião e explicou que Maria do

Carmo extorquia o médico. Leila disse que Maria do Carmo levava outras amigas para a clínica para a realização de cirurgias e que ninguém pagava pelas operações. Pela manhã, o porteiro João Augusto de Lima, marido de Maria do Carmo disse que ela não era amante do médico. Lima já havia afirmado que o cirurgião conhecia a mulher há apenas quatro anos. A Globonews informou que, de acordo com Lima, Farah fez três cirurgias plásticas em Maria do Carmo e afirmou que foi até a clínica na tarde de sábado em busca de informações. Lá, ele foi recebido pelo cirurgião que, abrindo apenas uma fresta da porta, negou ter visto a mulher.

O médico que confessou o crime a uma sobrinha se internou no sábado, na Clínica de Repouso Parque Julieta, em Santo Amaro. Os pedaços do corpo da vítima foram encontrados no porta-malas do carro do médico em vários sacos plásticos. A pele do rosto foi retirada e as mãos não foram encontradas.

Na noite de ontem, o médico foi transferido para a delegacia do bairro Casa Verde, onde está preso por ordem da Justiça. Em depoimento informal, Farah disse que já havia sido ameaçado pela ex-namorada e que ocorrências policiais registradas comprovariam a declaração.

História: O Barba-Azul⁸

Um homem traído pela mulher que mata suas amantes em nome do ódio. Assim é Barba-Azul, um personagem conhecido pela sua frieza ao assassinar mulheres e escondê-las em um dos aposentos de sua casa. Ao sair para uma viagem, a jovem que mora com

⁷ www.noticias.terra.com.br/brasil. Publicada em 28 de janeiro de 2003.

⁸ Conto de Charles Perrault.

ele, irmã de uma de suas vítimas, não consegue resistir à tentação de apoderar-se de uma chave que ele escondia e abrir o quarto que vivia fechado, descobrindo então os seus crimes.

A morte anunciada pelo amante, que se viu obrigado a afastar a tentação de seu caminho. Assim aconteceu com o Dr. Farah Jorge Farah e sua vítima e assim também ocorria na história do Barba Azul.

O ‘Barba Azul’ de Perrault conta-nos que, assim que Barba Azul partiu numa viagem inventada, ocorreu uma grande festa: vieram visitantes que não ousavam entrar na casa quando o dono estava presente. Fica a cargo de nossa imaginação o que se passou entre a mulher e seus convidados com Barba Azul ausente, mas a estória deixa claro que todos se divertiram a valer. O sangue (...) na chave parece(m) simbolizar que a mulher teve relações sexuais. Por conseguinte, podemos entender suas fantasias ansiosas que retratam cadáveres de mulheres mortas devido a infidelidades semelhantes (Bettelheim, 1980, p. 340).

Essa comparação feita entre o caso Dr. Farah e o Barba Azul parece estar diretamente ligada à tentação sexual, pois a vítima era casada com outra pessoa. Por tentar sair de uma situação incômoda, o médico a assassinou, do mesmo modo como agia Barba Azul em suas narrativas, eliminando as amantes de seu caminho.

As histórias de Barba Azul tratam das consequências de aventuras sexuais, por isso tal popularidade pode ser atribuída, segundo Bruno Bettelheim, “à combinação de crime e sexo, ou ao fascínio que possuem os crimes

sexuais” (1980, p. 341). Indo mais longe, o psicanalista mostra um outro lado da questão, que chega até a moralidade como apreensão da leitura deste conto, um modo de avisar as pessoas do perigo que correm.

Contudo, há quem interprete ‘Barba Azul’ como um conto admonitório que adverte: Mulheres, não cedam à sua curiosidade sexual; homens, quando forem traídos sexualmente, não se deixem levar pelo rancor. Nisso não há mais nada de sutil; mais importante ainda, não há progresso em direção a uma humanidade mais elevada (Bettelheim, 1980, p. 342).

A semelhança entre as narrativas está centrada na relação tumultuada de duas pessoas, que envolve sexo e traição, e se vêem envolvidas em situações de violência. A forma como a vítima de Dr. Farah foi encontrada é igual à das mulheres mortas e escondidas no quarto escuro trancado com a chave secreta que, ao girar na fechadura, revela a verdadeira história, tal qual a contada sobre o terrível Barba Azul.

Casal de Campinas e João e Maria: abandono dos filhos

Matéria: Casal que agrediu filhos em Campinas (SP) ainda está sedado⁹

O casal que agrediu os filhos, na tarde de ontem, em Campinas (95 km de SP), ainda está sedado. Segundo a polícia, o produtor artístico Alexandre Alvarenga, 32, e sua mulher, Sara Maria Alvarenga, que foram presos em flagrante, serão levados para a delegacia assim que forem liberados do hospital. Eles estão internados com escolta policial no pronto-socorro da PUC Campinas.

⁹ Matéria publicada na Folha on line, escrita por Fernanda Iema Pinto

De acordo com testemunhas, depois de sofrer um acidente de carro no bairro Guanabara, em Campinas, o produtor desceu de seu carro e arremessou o seu filho José Alexandre Alvarenga, de 1 ano, contra uma Blazer em movimento.

A criança atravessou a janela do veículo e bateu contra o peito do motorista, Fernando Pompeu de Camargo. O menino teve traumatismo craniano e está internado na UTI (Unidade de Terapia Intensiva) pediátrica do Hospital Mário Gatti. José Alexandre corre risco de morte. Ele está respirando por aparelhos e tem a pressão arterial controlada por medicamentos. Depois, Sara Maria bateu várias vezes a cabeça da filha de 6 anos, Alessa Alvarenga, contra uma árvore de um bosque.

O casal só parou de agredir a criança após ser sedado por uma equipe de resgate. A menina teve ferimentos leves, e já recebeu alta. Segundo uma das testemunhas, o advogado Carlos E. P. Sobrinho, antes de Alvarenga jogar seu filho contra o carro, ele bateu várias vezes com a própria cabeça na lataria de seu veículo. Sobrinho foi o primeiro a socorrer o produtor. Testemunhas que estavam no local chamaram a polícia. No entanto, os policiais precisaram chamar uma equipe de resgate para sedar e conter o casal.

*História: João e Maria*¹⁰

A conhecida história de duas crianças que são abandonadas pelo pai em uma floresta, por não poder sustentá-los. João e Maria lutam contra os perigos que surgem, inclusive a bruxa que quer devorá-los, e conseguem voltar para casa com moedas de ouro, se-

guindo as pegadas das migalhas de pão que eles soltam pelo caminho para não se perderem.

A psicanálise recomenda que a história de João e Maria seja entendida como uma forma de desenvolvimento das crianças, na fase em que lutam para superar seus medos de abandono e rejeição.

Através do olhar de Bettelheim, pode-se ver que “a estória de ‘João e Maria’ dá corpo às ansiedades e tarefas de aprendizagem da criança pequena que precisa vencer e sublimar seus desejos incorporativos primários e, por conseguinte, destrutivos” (1980, p. 196).

Nesse aspecto, a história infantil seria uma maneira de auxiliar no amadurecimento das crianças pelo lado negativo do abandono ou do desprezo, mesmo que seja motivado pela pobreza.

A notícia divulgada nos meios de comunicação sobre o casal de Campinas assustou as pessoas, inconformadas com a atitude do casal Alvarenga, que lembra o conto de João e Maria: os filhos abandonados, violentamente, pelos pais no bosque.

A confiança das crianças em seus próprios pais abalada pelo sentimento de abandono, que gera o medo, justificado pela pobreza ou pela falta de habilidade em cuidar dos pequenos.

‘João e Maria’ começa realisticamente. Os pais são pobres, e se preocupam como poderão cuidar dos filhos. Juntos, de noite, discutem o futuro deles, e o que poderão fazer por esse futuro. Mesmo em nível superficial, o conto de fadas folclórico transmite uma verdade importante, embora desagradável: a pobreza e a privação não melhoram o caráter do homem, mas, sim, o tornam mais egoísta e

¹⁰ Conto dos Irmãos Grimm.

menos sensível aos sentimentos dos outros, e assim sujeito a empreender feitos malvados (Bettelheim, 1980, p. 195).

A intencionalidade da atitude dos pais em abandonar as crianças na floresta, expressa no conto infantil, não se repete na história real. A notícia sobre a violência praticada pelo casal de Campinas contra seus filhos mostra a solução imediata dos pais para, de repente, livrarem-se dos problemas pessoais, assim como em ‘João e Maria’.

O lado mau das histórias de tradição oral fica ressaltado, nesse caso, em confronto com o bem, dualidade típica dos contos de fadas ou maravilhosos. Esse maniqueísmo presente nas narrativas mostra sempre uma situação de medo e angústia pela qual a criança tem que passar, quer pelas mãos de bruxas ou de madrastas, dragões ou monstros disfarçados.

Fatos que se repetem na vida real das pessoas, emissores e receptores das antigas histórias que conheceram ainda quando criança. Cabe aí alguma insinuação sobre a influência negativa das inocentes histórias infantis?

Não é para assustar, mas as histórias de tradição oral podem estar estampadas nas páginas de jornais, nos noticiários do rádio, da televisão ou nos títulos dos portais de internet. Os crimes, considerados violentos pela população, lembram as histórias que as pessoas conhecem.

Quando ocorre um assassinato, por exemplo, que é noticiado aos quatro ventos pela imprensa, impactando seus receptores, pode-se perceber que há rastros de narrativas orais, mostrando um outro ângulo jornalístico definido como *fait-divers*. A notícia vista sob o aspecto da folkmídia traz à baila o sentido das narrativas clássicas, justificadas pelo fato

de pertencerem ao universo humano, repleto de sentimentos contraditórios, incluindo paixões e crimes, encontrados até nas editoriais policiais.

Sabendo que as histórias infantis fornecem o conteúdo para a formação do imaginário infantil, com a inserção de valores e símbolos que serão mantidos por toda a vida, estão presentes nas notícias dos crimes violentos, mostrados diariamente pela imprensa. Nesse caso, pode-se definir essa similaridade de áreas, a literatura infantil e o jornalismo, a partir da idéia de *fait-divers* que, segundo Nilson Lage, “é, à primeira vista, a matéria jornalística que não se situa em um campo preestabelecido, como a política, a economia ou as artes” (1990, p. 46), mas que circunda os fatos da vida real com embasamento em padrões estabelecidos pela sociedade.

Reconhece-se *fait-divers* ao falar desse tipo de matéria jornalística voltada aos crimes, pois muitas vezes não é o ato de matar em si que apavora os receptores, mas o que está em segundo plano, envolvendo pessoas da própria família ou que têm certo relacionamento afetivo ou profissional.

Consta no manual jornalístico da Folha de S. Paulo o termo *fait-divers* como “a expressão usada para designar notas e notícias com alto potencial de atração para o leitor. Exemplos: crimes envolvendo famílias de classe média ou alta; casamento de personalidade; morte de pessoa famosa” (1992, p. 142).

Quando se escreve que alguém matou a mulher com uma corda de violão ou que um bispo foi preso em um cabaré, pouco importa o assassino, a vítima, qual o bispo, onde e como isso ocorreu: o interesse está na contradição entre o crime e a arma, ou a respeitabilidade do religi-

oso e a natureza do lugar onde foi preso (Lage, 1990, p. 46).

Esses tais fatos divulgados pela mídia, os *fait-divers*, carregados de elementos contraditórios como acidente, paixão, crime, tragédia, podem suscitar nos seus leitores, segundo Danilo Angrimani (1995, p. 28), “toda a gama de emoção, funcionando no limite da ambigüidade que garante sua significação duvidosa”.

Fábia Angélica Dejavite afirma que “*fait-divers* se caracteriza como um elemento catalisador e estimulador do entretenimento, porque visa levar o homem ao mundo dos sonhos, das fantasias e dos medos, tal qual um filme, uma telenovela ou uma série” (2001, p. 210). Como forma de entretenimento, *fait-divers* dá um tom de espetacularização à notícia. Faz parte do conteúdo divulgado pelos meios de comunicação de massa, o que se denomina cultura de massa, que coexiste com a cultura elitista e a cultura popular.

As histórias de tradição oral nasceram do povo, frutos, então, da cultura popular, que sobrevivem, inclusive, por intermédio dos meios de comunicação. É importante conhecer o lado mau dessas narrativas e esperar o lado bom que, como a própria vida, apresentam-se às pessoas a todo instante. Dois lados que se contrapõem e se completam no imaginário humano, facilitando o conhecimento do mundo.

Histórias e notícias se encontram em um embate ímpar, oxigenando conceitos e suscitando questionamentos. Por que essa semelhança de narrativas clássicas infantis com crimes violentos?

Apesar da semelhança de conteúdos, obviamente as notícias não são transcrições fiéis das histórias. O objetivo deste estudo é mos-

trar que os crimes não são originais, pois a humanidade já os conhece. A partir disso, pensa-se na possibilidade de o ser humano estar acostumado à violência e, em relação às notícias de crimes violentos, haver certa familiaridade com o assunto.

Com isso, pode-se citar Bordenave (1982, p. 17), que diz: “A comunicação não pode ser melhor que sua sociedade nem esta melhor que sua comunicação. Cada sociedade tem a comunicação que merece. ‘Dize-me como é a tua comunicação e te direi como é a tua sociedade’”.

A explicação por uma sociedade violenta com crimes que cada vez mais amedrontam as pessoas tem ligação com o passado da humanidade, um passado bruto, onde a sobrevivência era o prêmio conquistado ao final de cada dia.

Talvez seja esta a hora de ver a mídia como um espelho das atitudes humanas, isentando-a da culpa de ser a responsável pelo descarrilamento do trem da humanidade. O que a mídia faz é retratar a vida como ela foi mostrada nas histórias que tinham apenas a oralidade como veículo de comunicação. E quantas outras narrativas se repetem a todo instante nos noticiários diários com enredos conhecidos pelas pessoas.

É, poderia até se pensar que a mídia recria a própria criação do homem. Devolve ao povo o que sempre lhe pertenceu, apenas com novas roupagens e uso de tecnologias.

2 Referências bibliográficas

ANGRIMANI, Danilo. *Espreme que sai sangue*. Um estudo do sensacionalismo na imprensa. São Paulo: Summus, 1995.

- BELTRÃO, Luiz. *Folkcomunicação: um estudo dos agentes e dos meios populares de informação de fatos e expressão de idéias*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001.
- BERLO, David K. *O processo da comunicação*. Trad. José Arnaldo Fontes. 9ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. Trad. Arlete Caetano. 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1980.
- BORDENAVE, Juan E. Diaz. *O que é comunicação*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- BUCCI, Eugênio. *Sobre ética e imprensa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- BURKE, Peter. *Cultura popular na idade moderna*. Trad. Denise Bottmann. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: das origens aos dias atuais*. Brasília: Quiron, 1981.
- DARNTON, Robert. Rede de intrigas – fofocas, folhetins – as notícias na França do século XVIII. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002.
- DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 1986.
- DEJAVITE, Fábila Angélica. O poder do *fait-divers* no jornalismo: humor, espetáculo e emoção. In: *Estudos de jornalismo I*. Campo Grande: Intercom, UFF, 2001.
- DIZARD, Wilson. *A nova mídia*. Trad. Antonio Queiroga e Edmond Jorge. 2ª ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- GERALDES, Elen Cristina. Narrativas jornalísticas: porque o real é complexo. In: BARROS, Antônio; DUARTE, Jorge; MARTINEZ, Regina. (orgs.). *Comunicação: discursos, práticas e tendências*. São Paulo: Rideel/Brasília: UniCEUB, 2001.
- GRIMM, Irmãos. *Os contos de Grimm*. Tradução de Tatiana Belinky. 5ª ed. São Paulo: Paulus, 1989.
- JOLLES, André. *Formas simples*. Trad. Álvaro Cabral. São Paulo: Cultrix, 1976.
- JOBIM, Danton. *O espírito do jornalismo*. São Paulo: Edusp, Com-Arte, 1992.
- JORGE, Ana Lúcia Cavani. *O acalanto e o horror*. São Paulo: Escuta, 1988.
- LAGE, Nilson. *Linguagem jornalística*. 3ª ed. São Paulo: Ática, 1990.
- LAGE, Nilson. *Estrutura da notícia*. São Paulo: Ática, 1985
- LAGE, Nilson. *Ideologia e técnica da notícia*. Petrópolis: Vozes, 1979.
- LIMA, Edvaldo Pereira. *Páginas ampliadas: o livro-reportagem como extensão do jornalismo e da literatura*. 2ª ed. São Paulo: Manole, 2004.

- LUYTEN, Joseph M. *A função e a utilidade da folkmídia. Folkcom' 2002*, Santos, 2002. Mimeo.
- MARÇOLLA, Rosângela. *Histórias reais e notícias de ficção: jornalismo e literatura infantil em um encontro folkmidiático*. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2005 (Tese de doutoramento).
- MARÇOLLA, Rosângela. *Monteiro Lobato: a arte de contar e recontar histórias*. 2002, 218p. Dissertação (Mestrado Comunicação Social) Universidade Metodista de S. Paulo.
- MARÇOLLA, Rosângela. *A Comunicação com a criança através das histórias de tradição oral*. 2001, 78 p. Monografia (Especialização em Educação Infantil) - Universidade Metodista de S. Paulo.
- MARQUES DE MELO, J. *História social da imprensa*. P. Alegre: EDIPUCRS, 2003.
- MARQUES DE MELO, José (org.). *Mídia e Folclore: o estudo da comunicação segundo Luiz Beltrão*. Maringá/SBC: Fac. Maringá/Cátedra Unesco: UMESSP, 2001.
- MARQUES DE MELO, José. Mídia e cultura popular na era da globalização. *Revista Imprensa*, nº 164, S. Paulo: Imprensa Editorial, set. 2001 a, p. 82-83.
- MARQUES DE MELO, José. Folkcomunicação entre mídia e cultura popular. In: *Revista Imprensa*, nº 151, São Paulo: Imprensa Editorial, agosto de 2000, p. 76-77.
- MOTTA, Luiz Gonzaga. *Para uma antropologia da notícia*. In: *Intercom. Volume XXV, nº 2*, São Paulo, julho/dezembro de 2002.
- MOTTA, Luiz Gonzaga (org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002 a.
- MOTTA, Luiz Gonzaga (org.). Ideologia e processo de seleção de notícias. In: MOTTA, Luiz Gonzaga (org.). *Imprensa e poder*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado, 2002 a., p. 125-148.
- OS MAIS TERRÍVEIS serial killers de todos os tempos. Disponível em http://super.abril.com.br/mundoestranho/edicoes/20/almanacao/conteudo_mundo_30570.shtml. Acesso em 29 de março de 2003.
- PERRAULT, Charles. *Contos de fadas*. Tradução e adaptação de José Bento Monteiro Lobato. São Paulo: Brasiliense, 1962.
- PHILIP, Neil. *Volta ao mundo em 52 histórias*. Trad. Hildegard Feist. 10ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
- SILVA, Andréa de Souza Túbero. *A reconstrução temática de Chapeuzinho Vermelho na cobertura dos crimes do "Maníaco do Parque"*, 1999. Tese (Doutorado em Sociologia) – Faculdade de Ciências e Letras – UNESP/Car.